

Heráclito Luiz Custódio Souza Maia

MARTIN HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Delmar Cardoso

Belo Horizonte/MG

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2019

Heráclito Luiz Custódio Souza Maia

MARTIN HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Delmar Cardoso

Belo Horizonte/MG

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2019

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é refazer o percurso de pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger sobre a problemática da essência da técnica. Suas contribuições diante do sentido filosófico do termo “técnica” nos auxiliam na compreensão de como a modernidade concebe a relação do homem com a natureza. Entender a técnica, como foi proposto pelo pensador, é se desvencilhar de seu sentido recorrente e repensá-la através de sua essência. Para tanto, buscaremos evidenciar aspectos gerais da crítica heideggeriana referente à metafísica tradicional, elucidando as implicações que nascem da relação da técnica com as ciências modernas, desenvolvendo o significado daquilo que o autor chama de *Gestell* e, por fim, procurando elucidar de que maneira o entendimento heideggeriano da linguagem pode nos servir como um modo possível de enfrentamento dos perigos que a técnica moderna impõe aos homens e ao planeta Terra. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos textos do próprio filósofo, como uma conferência de 1953, convertida em texto, intitulada *A Questão da Técnica*, partes de sua obra principal, *Ser e Tempo*, bem como artigos e livros de comentadores.

Palavras-chave: Heidegger; Técnica; Linguagem.

Sumário

Introdução	5
1. O esquecimento do Ser.....	6
1.1. Ideias propulsoras do modo de pensar ocidental	7
1.2. Aspectos gerais do pensamento heideggeriano	7
2. A questão da técnica	9
2.1. Carácter Instrumental e Antropológico da Técnica moderna	10
2.2. A técnica como modo de desocultamento da verdade	11
2.3. A essência da técnica moderna (<i>Gestell</i>)	12
3. Os perigos impostos pela técnica moderna	17
3.1. A compreensão heideggeriana da linguagem	19
Conclusão	20
Referências	21

Introdução

A técnica perpassa, por inteiro, a relação do homem com a natureza. A sociedade contemporânea se articula através do seu comando e o homem é interpelado por ela a pensar e agir como senhor dos entes. Longe de defender um retorno ao passado, o que seria uma verdadeira insanidade, Heidegger nos convida à reflexão em face da pretensão de poder impelida pela técnica moderna, que transforma em fonte de recursos toda a natureza.

A ideia comumente aceita de que a técnica pode ser controlada e mantida sob o domínio do homem é falaciosa. Portanto, para o pensador alemão, é errado pensar a técnica como um conjunto de meios para a realização de certos fins. Pensar através dessa lógica obscurece o entendimento da real situação em que o homem moderno se encontra: a de estar disponível, assim como todos os entes estão, para o proveito da técnica. Quando questionada e conseqüentemente apartada de significações recorrentes, a técnica se mostra como um caminho não tão seguro como se acreditava.

A aproximação teórica proposta por Heidegger não se situa no âmbito de uma compreensão em termos sociais, mas sim em uma compreensão pautada em termos ontológicos. Nesse sentido, quando Heidegger reflete sobre a técnica, ele não limita sua discussão aos problemas trazidos pelas novas descobertas tecnológicas ou aos males que elas porventura causariam. Em contrapartida, sua discussão gira em torno dos aspectos presentes no pensamento ocidental que contribuem para o velamento e entificação do ser.

O presente trabalho intenta discutir o desenvolvimento da questão da técnica no interior da filosofia de Martin Heidegger. Para tanto, em um primeiro momento, intitulado *O Esquecimento do Ser*, procuraremos percorrer o caminho da análise crítica heideggeriana acerca da metafísica tradicional, em que se homogeneiza toda a história do pensamento ocidental, de Platão a Nietzsche, como sendo a história do autovelamento e esquecimento do ser. Em seguida, no capítulo intitulado *A questão da Técnica*, procuraremos entender em que sentido o filósofo Martin Heidegger compreende a essência da técnica moderna como composição que tudo arrasta (*Gestell*). Por fim, em *Os perigos impostos pela técnica moderna*, elucidaremos os perigos que se impõem no decorrer do desenvolvimento da técnica moderna, bem como, o caminho da linguagem como alternativa de enfrentamento a tais perigos.

1. O Esquecimento do Ser

O esquecimento do Ser se mostra como o pano de fundo da perspectiva do pensamento heideggeriano. Para o filósofo, a história do pensamento ocidental, tendo como referência as estruturas de pensamento introduzidas de Platão a Nietzsche, foi marcada pelo esquecimento daquilo que há de mais fundamental, a saber, o sentido do Ser.

Criou-se, com a referida tradição, um modelo de pensamento no qual os entes, pensados de modo unilateral, pudessem servir como representações das coisas dispostas ao mundo:

As coisas são interpretadas desde Aristóteles, em sua estrutura íntima, pelas categorias, e também o homem é abordado com as mesmas estruturas categoriais. Assim o original da dimensão humana, historicidade e temporalidade, escapa e, sobretudo, fica inacessível o súbito e eterno começo que leva para a compreensão de ser (STEIN, 2011, p.49).

Começar a pensar a realidade, através de parâmetros representativos, foi entendido pelo filósofo como o momento em que se inicia uma transformação radical no pensamento do ocidente. Uma transformação que dispersou a rota de um pensar autêntico para caminhos nos quais o sentido do Ser foi apartado de categorias importantes, como a historicidade e a temporalidade. O erro, segundo Heidegger, consistiu na interpretação do Ser como uma instância finita e acabada, firmando-se através de um profundo abismo entre a realidade e a sua representação. Chamado de diferença ontológica, esse abismo foi caracterizado como o principal problema filosófico a ser submetido a análise.

O primeiro passo na compreensão do problema do ser consiste em(...) "Não contar estórias" significa: não determinar a providência do ente, reconduzindo-o a um outro ente, como se o ser tivesse o caráter de um ente possível (HEIDEGGER, 2012, p.41-42).

O questionamento acerca da verdade é, para Heidegger, um caminho que não pode ser realizado através de parâmetros estabelecidos por um sujeito que observa a realidade e aponta

seus padrões de regularidade. Dado que a verdade não é encontrada senão no próprio *Ser*, a articulação sujeito/objeto é posta em xeque como um caminho incerto de assimilação da mesma. Em seus escritos, Heidegger deixa explícito que, já com os gregos, há um afastamento da relação originária da verdade com o desocultamento e o ocultamento. A partir daí, nasce a filosofia que posteriormente recebe o nome de metafísica. Sendo assim, o ser passa a representar o aparecer do ente em sua presença, e esta, a essência do ser.

1.1. Ideias propulsoras do modo de pensar ocidental

Em Platão, temos que a verdade se manifesta quando a ideia se refere àquilo que aparece. A verdade, então, surge quando a ideia está em conformidade com aquilo que é inteligível. Ela, então, ganha estatuto de realidade. Em seguida, com Aristóteles, temos uma concepção do ser fundada na ideia de causalidade, de presença efetiva e da multiplicidade de sentidos. A verdade é caracterizada pela adequação lógica do conceito à realidade através de uma relação causal. A partir daí, o ser é ressignificado e igualado aos entes.

Nesse processo, destaca-se posteriormente a figura de Descartes, corroborando os seus antecessores, ao estabelecer como real aquilo que é o correto. Para o pensador, a verdade consiste na certeza absoluta que o sujeito tem da realidade. O ser é reduzido à certeza da representação do sujeito, isto é, o fundamento da verdade passa a ser estabelecido pelo próprio homem que reduz tudo a si mesmo. Esse pensamento limita e circunscreve o ser em uma previsibilidade, desviando a manifestação da verdade que carrega consigo um constante ocultar e desocultar. Nesse sentido, ser e ente se confundem, e o primeiro é caracterizado como evidente e óbvio.

Por fim, temos Nietzsche com a concepção de ser como “vontade de poder”. Para Heidegger, essa concepção permanece com a mesma ideia, mas configurada de maneira distinta como “vontade da vontade”, isto é, a ideia de que a vontade se configuraria como um puro querer. Portanto, a metafísica passa a se manifestar por meio de sua essência, momento este descrito por Heidegger como o último suspiro da metafísica, o momento em que sua essência se manifesta e a técnica se configura em sua forma acabada.

1.2. Aspectos gerais do pensamento heideggeriano

O modo de pensamento proposto por Heidegger busca eliminar essa cisão dada pela ontologia tradicional. O real, nesses termos, não apresentaria uma separação entre o fenômeno e sua representação, mas sim “aquele que sai do puro infinitivo para ser modulado no tempo” (MICHELAZZO, 1999, p.123).

Heidegger procura explicar ser, verdade, vida e história, a partir da temporalidade absoluta e não da temporalidade enquanto qualidade de um eu a-histórico e transcendental. Isso significaria que o tempo seria o horizonte absoluto, além da subjetividade, por que não apenas a vida é histórica, mas o próprio ser se desvela no horizonte da temporalidade (STEIN, 2011 p.48).

Para mudar esse sistema representativo, caracterizado também por uma antecipação do homem diante da natureza, onde são desconsideradas a historicidade e a temporalidade, elementos próprios do homem, Heidegger busca elaborar um modo de análise que busque partir primeiramente de um questionamento do homem sobre si próprio. Uma espécie de “antropologia existencial”, que, em termos heideggerianos, refere-se à sua analítica existencial ou ontologia fundamental (VAZ, 2006, p.130).

É pela hermenêutica da facticidade, pela analítica existencial, que inicia a interrogação pelo ser na zona privilegiada de sua manifestação, o mundo humano do ser-aí (STEIN, 2011, p.143).

O termo que define aquele que questiona o sentido do ser, para além da cisão imposta pela metafísica entre o sensível e o suprassensível, é denominado *Dasein*. Dentre todos os entes da realidade que nos são apresentados, o homem, como aquele que instaura a pergunta pelo sentido do ser, é o único capaz de questionar a si próprio e compreender o ser. *Dasein*, em termos gerais, é designado como:

O homem para além de qualquer cisão metafísica entre os âmbitos do sensível e do supra-sensível presentes naqueles antigos conceitos que tomam a sua

essência em sua dualidade: animal-racional, corpo-alma, sujeito-objeto (MICHELAZZO, 1999, p.128).

A partir da definição de *Dasein*, surge uma pergunta fundamental: como pensar a realidade senão através da metafísica tradicional? Abertura para as coisas do mundo é a atitude principal do homem na busca pelo sentido do ser, e o pensamento proposto por Heidegger nos convida a um afastamento de concepções historicamente construídas e que carregam consigo significados distantes do seu sentido originário. Sendo assim, a busca pelo sentido originário dos termos é essencial para o filósofo, dado que tal atitude aproxima o homem do sentido do Ser.

Mesmo sendo o ente que possui um contato direto com o ser, o homem só se efetiva como *Dasein* quando se afasta dos entes, na busca do sentido do ser através da analítica existencial. Nesses termos, a analítica procura clarificar o entendimento das concepções utilizadas na relação do homem com o mundo, estabelecendo um caminho situado fora do contexto de um pensar pré-programado. Isto é, a analítica existencial busca romper os limites do modo metafísico de encarar o real.

A metafísica, segundo Heidegger, afirma que o *Ser* se esgota como presença, portanto como desvelamento, como manifestação. (...) Com isso, porém, a metafísica esquece a dimensão do ser enquanto este é velamento. O ser é velamento e desvelamento. A metafísica vive o abandono do *Ser*, esquece o *Ser*, porque não lembra que o ser só se manifesta no velamento, que o ser se dá enquanto se retira, que o ser é presença enquanto ausência (STEIN, 2011, p.174).

Nesse sentido, a fenomenologia e a hermenêutica propostas por Heidegger têm por objetivo retornar ao pensamento originário onde ser e pensar estejam unidos de tal modo que as palavras irrompidas sejam de fato algo genuíno que se apresenta ao homem. A linguagem, então, são os fósseis dessa jornada do filósofo na tentativa de ir ao encontro do sentido do Ser, que se situa numa “época esquecida” (MICHELAZZO, 1999, p.19).

2. A questão da técnica

A questão da técnica se mostra como um desdobramento da problemática fundante do pensamento heideggeriano explicitado em *Ser e Tempo*. É importante perceber que, mesmo representando uma forte barreira diante da possibilidade de lançar mão de um pensar autêntico, o desenvolvimento tecnológico levado a cabo pela técnica moderna faz emergir também a possibilidade de superação da própria técnica que se converte como o acabamento da metafísica. Nesses termos, o pensamento de Heidegger se mostra como um caminho de possibilidades reais para o enfrentamento da atual estrutura de pensamento sedimentada pela história ocidental.

Entender o modo pelo qual a técnica se instaura e se realiza no mundo humano é importante e necessário, principalmente no contexto atual, permeado quase que totalmente por aparatos tecnológicos que, desde o advento da revolução industrial, têm sido amplamente aclamados até a contemporaneidade. Heidegger nos convida a abriremos a escuta para a ressignificação de concepções cristalizadas acerca da técnica moderna, desconstruindo e questionando noções cotidianas utilizadas pelo pensamento, para fazer emergir sua essência. Portanto, a proposta deste capítulo é entender o sentido de *Gestell* (essência da técnica moderna) a partir da análise de uma conferência proferida pelo filósofo, posteriormente convertida em texto, a saber, *A questão da Técnica*.

A técnica, como fruto da razão científica e da própria metafísica, marca a vida cotidiana em sua totalidade e aparta o homem da questão que emerge sobre a verdadeira legitimidade de todo este movimento tecnológico. Não se questionam, portanto, os efeitos contrários desse modo unilateral do pensamento técnico quando se dá a ele o caráter de sagrado.

2.1 Carácter Instrumental e Antropológico da Técnica moderna

Heidegger acreditava que a essência do termo “técnica” pode ser satisfatoriamente respondida quando retornarmos à matriz grega e buscarmos nela o seu sentido mais originário.

Todo o seu trabalho em busca da resposta à pergunta sobre a essência da técnica é norteado por uma retomada de conceitos gregos, que fazem parte da unidade entre ser e pensar.

Desde a Antiguidade, já considerando o advento da civilização grega, a técnica se caracterizava no sentido de um fazer humano, estabelecido como meio para a realização de fins. Desse modo, era considerada como tal “toda realização de coisas sensorialmente perceptíveis submetida a serviço de uma necessidade ou de uma ideia” (BRUGGER, 1977, p.400). Por conseguinte, denota tanto uma habilidade de produzir coisas para satisfazer às necessidades mais práticas da vida cotidiana quanto para trazer ao mundo sensível uma ideia ou forma.

Em *A questão da técnica* (1953), Heidegger afirma que o aprontamento e o emprego de instrumentos, aparelhos e máquinas são próprios do ser da técnica, pois todos eles fazem parte de sua determinação instrumental e antropológica, na medida em que ela estabelece uma relação de necessidade para servir a fins determinados. Não sendo possível, portanto, negar essa determinação quando consideramos somente o visível e o habitual, podemos dizer que até mesmo uma hidroelétrica, por exemplo, é um meio humano para um fim estabelecido.

Conseqüentemente, a técnica, dita como meio, satisfaz uma explicação até mesmo do ser da técnica moderna. No entanto, é uma explicação limitada diante da manifestação técnica atual, que se apresenta como um fenômeno complexo, trazendo conseqüências impensadas quando analisadas univocamente. Se não houver um avanço no modo de se denominar e de se pensar o ser da técnica, ficaremos presos diante da possibilidade de abirmos nossa existência à essência da técnica.

2.2 A técnica como modo de desocultamento da verdade

No tocante ao significado do carácter instrumental, Heidegger nos diz que a instrumentalidade está intimamente ligada à noção de causalidade. O filósofo, portanto, expõe as quatro causas aristotélicas, “formal, eficiente, final e material”, como sendo um dos modos de expressão do fazer técnico. Os quatro modos de ocasionar, que são as quatro causas, atuam no produzir, que traz à presença tanto aquilo que cresce na natureza quanto aquilo que é feito pela mão do homem. O ato de trazer algo à presença é, portanto, uma conseqüência da causalidade, no pensamento de Aristóteles. Nesse sentido, trazer à presença é também o que chamamos de produção (*poiesis*). Por conseguinte, a *poiesis* está ligada ao significado de *aletheia*, termo ligado àquilo que leva algo do ocultamento para o desocultamento. Nesses

termos, fica claro que no significado de *poiesis* temos um caminho que representa o processo no qual emergem os entes, dado que a verdade se situa no âmbito deste caminho.

Por onde nos perdemos? Questionamos a técnica e agora aportamos na *aletheia*, no desabrigar. O que a essência da técnica tem a ver com o desabrigar? Resposta: tudo. Pois no desabrigar se fundamenta todo produzir. Este, porém, reúne em si os quatro modos de ocasionar – a causalidade – e os perpassa dominando (HEIDEGGER, 2007, p. 380).

O produzir acontece quando algo passa do ocultamento para o desocultamento, denominado como um trazer à frente, e cujo significado está atrelado à exatidão da representação, ou seja, à verdade. Esse desocultamento, por sua vez, é caracterizado como um modelo do fazer humano: o homem projeta na natureza suas aspirações de modo a forçá-la a dar aquilo que se queira ter, ao invés de propor um desvelamento onde a natureza possa mostrar de fato o que ela tem a nos oferecer. Nesse sentido, essência da técnica tem tudo a ver com o desabrigar e com o fenômeno da verdade.

Para Heidegger, todo fazer humano, ou produzir, de algum modo, relaciona-se com as quatro causas que estão contidas no desabrigar. A técnica não é, portanto, um mero meio, mas um modo de desabrigar a realidade. Se atentarmos para isso, abrir-se-á para nós um âmbito totalmente diferente para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desabrigar, isto é, da verdade.

2.3 A essência da técnica moderna (*Gestell*)

Hoje entendemos como técnica uma ciência exata e preocupada com a eficácia, baseada em um pensamento experimental e que opera sobre a natureza, tendo como foco principal transformá-la. Para Heidegger, é preciso ainda ir mais além da perspectiva moderna e instrumental que limita o entendimento da verdadeira essência da técnica.

Todo esforço para conduzir o homem a uma correta relação com a técnica é determinado pela concepção instrumental da técnica. Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio (HEIDEGGER, 2007, p.376).

A questão que se instaura diz respeito à insuficiência da significação da técnica como um mero instrumento para dirigir as ações do homem e à questão de se realmente ela possui a capacidade de dizer a totalidade da essência da técnica moderna. Para Heidegger, o melhor modo de se compreender o sentido do ser é se desvencilhar do ente que vela a possibilidade do desvelamento.

Questionamos a técnica e pretendemos com isso preparar uma livre relação para com ela. A relação é livre se abrir nossa existência à essência da técnica. Caso correspondamos à essência, estaremos aptos a experimentar o sentido do técnico em sua delimitação (HEIDEGGER, 2007, p.375).

Nesse sentido, a busca por uma determinação da técnica que se sobreponha à determinação instrumental e antropológica faz-se necessária para que se possa vislumbrar o seu desvelamento. Algo importante para o entendimento do modo de pensamento heideggeriano é perceber que os entes não são explicados por suas propriedades, como acontece na metafísica tradicional.

A técnica possui uma essência que não tem nada de técnico: essa essência vista em seu âmbito moderno, não é o cálculo entre meios e fins, mas o que chama de armação. A armação que a técnica é em sua essência ocorre através da atividade humana (RÜDIGER, 2006, p.136).

Percebe-se então uma relação entre a evolução da técnica e a da ciência moderna. Essa relação de mutualidade se dá através de uma dependência entre ambas as partes, tanto da técnica quanto das ciências naturais. Diz-se que para o desenvolvimento de uma é necessário que a outra esteja também desenvolvida. A técnica estaria, portanto, repousando-se sobre as ciências da natureza. Se quisermos propor uma analogia entre o pensamento originário de Heidegger e

A *questão da técnica*, podemos perceber que o pano de fundo principal entre ambos é basicamente a crítica da metafísica tradicional, que também é o fundamento das ciências naturais.

De que essência é a técnica moderna para que incorra no emprego da ciência exata da natureza? Ela também é um desabrigar. Somente quando deixamos repousar o olhar sobre este traço fundamental, mostrar-se-á a nós a novidade da técnica moderna (HEIDEGGER, 2007, p.381).

O desabrigar da técnica moderna é determinado pelo seu caráter desafiador, que exige da natureza um fornecimento de energia suscetível de ser extraída e armazenada. Um exemplo pertinente para explicar essa ideia é a comparação feita por Heidegger entre o processo de produção característico do campo na antiguidade e na modernidade.

O campo é agora uma indústria de alimentação motorizada. O ar é posto para o fornecimento de nitrogênio, o solo para o fornecimento de minérios, o minério, por exemplo, para o fornecimento de urânio, este para a produção de energia atômica, que pode ser associada ao emprego pacífico ou à destruição (HEIDEGGER, 2007, p. 382).

Heidegger chama atenção para o fato de que esse desafiar das energias naturais, causado pelo requerimento constante da natureza, é sempre norteado por um máximo de proveito com o mínimo de despesas possíveis. Para tanto, é inevitável a evolução das forças produtivas que vão a todo custo otimizar ainda mais o acúmulo de recursos.

Nesse sentido, o desabrigar da técnica moderna tem o sentido do requerer e intimar para desafiar. Portanto, a energia que antes era oculta na natureza, é explorada, transformada, armazenada e distribuída. O explorar, transformar, armazenar e distribuir são todos eles um desabrigar da técnica moderna.

A técnica artesanal e a técnica maquinística são ambas veículos de revelação do ser humano, mas - nessa essência – distintas, por que enquanto aquela é uma forma de aparição poética da phisis, essa é uma forma de exploração funcional do mundo em sua totalidade (RÜDIGGER, 2006, p.137).

A reflexão de Heidegger a respeito da técnica moderna chama a atenção para o fato de que é necessária uma diferenciação entre a técnica caracterizada somente como meio para fins (concepção instrumental e antropológica) e o desdobramento ou sentido que hoje nos é apresentado.

Essa diferenciação abre caminho para que possamos visualizar a técnica moderna pelo prisma da filosofia heideggeriana: a busca pelo sentido do ser. A questão da técnica em Heidegger tem de ser vista numa perspectiva em que o sentido do ser seja o caminho que norteia a questão. Como já dito, a técnica é apresentada como meio para a realização de fins humanos. Essa mediação aparente realizada pela técnica, caracterizada também como instrumento, relaciona-se com o sentido de causalidade, que para os gregos denota “a razão de ser do causado”, aquilo que faz algo aparecer. Nas palavras de Heidegger, o que faz algo aparecer é ligado ao desvelamento ou verdade (BRUGGER, 1977, p.77).

A técnica na sua origem, antes de ser apreendida como meio ou instrumento, é um modo do desvelamento, isto é, uma forma da apresentação da verdade (...) Podemos entretanto comparar a nossa técnica atual à técnica no sentido grego originário? Qual a essência da técnica moderna? (MICHELAZZO, p.159).

O esforço de Heidegger por uma compreensão da essência da técnica nos remete à situação fundante que dá sentido à sua filosofia: o retorno à matriz grega anterior ao pensamento metafísico. O mínimo que se possa pensar, nesse sentido, é que a essência da técnica corresponda de fato com o sentido originário dito pelos gregos. Nesse sentido, para Heidegger, o formato técnico que deve ser apreendido se denomina como provocação, isto é, o homem provoca a natureza para que a mesma lhe forneça sua energia e força.

Para a técnica, a realidade do mundo é uma provocação. O homem pela técnica se vê provocado, chamado para fora de si para agredir as coisas (...). O homem chama as coisas, em sua possibilidade de manufatura, de transformação (...). Desse modo as coisas se transformam em depósito, em estoque, em fundo, em reserva, à disposição do homem técnico (STEIN, 2011, p.161).

Percebe-se então que, ao provocar a natureza, o homem acaba por obrigá-la a deixar à disposição todos os seus recursos para servi-lo. Essa provocação se dá de modo geral por duas maneiras:

A primeira maneira é aquela que usa tecnologias brandas, tal como acontece com o velho moinho de vento que recolhe a energia do ar em movimento (...). A segunda maneira é aquela que se serve de tecnologias pesadas, tal como ocorre com a agricultura mecanizada que por meio de controles artificiais, transforma os campos numa indústria de alimentação (MICHELAZZO, 1999, p.160).

A diferença entre as duas formas de provocação se inscreve no modo com que o homem trata a natureza. No primeiro modo, a provocação não se instaura num sentido desafiador e aprisionador. Ela se apresenta como algo que não busca degradar a natureza e sim cooperar com ela para que se mostre aquilo que ela é. Já no segundo modo, a provocação se caracteriza por um desabrigar que desafia as forças e energias, forçando a natureza a dispor de seus recursos e transformando-os em reserva.

O homem é conduzido para um caminho onde o desvelamento da natureza se dá somente na medida em que ela se transforma em estoque. Nesse sentido, a natureza está à disposição do homem como fonte de energias, forças e recursos. Nas palavras de Heidegger, a natureza se transforma em um meio, para que a técnica moderna atinja seus fins. O respeito pelas leis da natureza foi perdido, e a técnica moderna tem conseguido resolver muitos problemas que antes pareciam impossíveis.

Quem interpela o real provocando-o (...)? Por um lado, o mais evidente, é o homem, e desta provocação nem mesmo ele escapa, uma vez que ele acaba por fazer parte deste fundo, tomando por material ou recurso humano. O real

também provoca o homem, na medida em que aquele esconde as suas energias e desafia este a encontrá-las (MICHELAZZO, 1999, p.160).

Nem mesmo o homem foge desse movimento. Como possuidor de mão de obra, como dono de sua força de trabalho, ele é interpelado por outro homem para que o sirva como reserva a ser transformada em trabalho. A dominação do homem sobre a natureza, como a do próprio homem, reflete a essência da técnica moderna.

Portanto, a essência da técnica para Heidegger é denominada armação/ instalação/ arazoamento (*Gestell*). E significa o modo de desocultar que impera na técnica moderna, isto é, o modo pelo qual o ente se revela unilateralmente como reserva. Trata-se da imposição da técnica moderna sobre a natureza, a qual não se baseia nas leis da natureza, mas nas leis características do modo de desabrigar do homem, direcionando-as para chegar a seus fins. A técnica moderna não direciona o seu olhar ao ser, não lhe interessa o desvendar do ser na Natureza, nem o ser do homem.

O que caracteriza a *Gestell* como tal é o interpelar da natureza realizado pelo homem e o interpelar do homem realizado pela natureza. Nesse sentido, tanto o homem quanto a natureza se provocam, gerando então a dinâmica que constitui a essência da técnica moderna.

A mão-de-obra, o material humano são elementos de manufatura, de transformação, tanto como a matéria que se apresenta nas coisas. Não há mais coisas que se opõem como objeto ao sujeito. Objeto e sujeito se fundem como possibilidade que se provocam (STEIN, 2011, p.161).

3. Os perigos impostos pela técnica moderna

A essência da técnica (*Gestell*) é, em outros termos, o envio de um destino; e este destino limita a liberdade humana a reproduzir o *status-quo* de suas próprias determinações, que se apresenta de modo unilateral e não deixando uma brecha sequer para possibilidades alternativas de ressignificação do Ser.

O desabrigamento é aquele destino que, desde sempre, se distribui de modo não esclarecido a todo pensar no desabrigar produtor e desafiador, e se destina aos homens. O desabrigar desafiador tem sua proveniência destinada no desabrigar produtor. Mas, ao mesmo tempo, a armação bloqueia destinalmente a *poiesis* (HEIDEGGER, 2007, p.392).

O perigo supremo, como o momento da tomada de consciência do homem diante da essência da técnica, apresenta-se também como a possibilidade de proteção da verdade, isto é, a salvação. Quando o homem não se percebe dentro da provocação estabelecida pela técnica, não se torna patente também o caminho para a salvação. Na medida em que se disponibiliza como aquele que desafia a natureza, o homem se perde num constante disponibilizar-se, e “neste momento a técnica se altera em extremo perigo para o mundo em que possa residir a essência do homem” (STEIN, 2011, p. 161).

Essa disponibilidade dá ao homem a ilusão de poder manipular qualquer âmbito possível da natureza, ou até mesmo a esperança de um dia poder. A crença no domínio da disponibilidade técnica, o puro fazer e produzir humano, não permite uma aproximação do perigo e da salvação. Sendo assim, a dimensão do perigo, que permeia o âmbito da existência, e como tal, aparece por meio da meditação, encontra o caminho da salvação.

A salvação surge da técnica no momento em que o homem experimenta a essência da técnica, a com-posição, como aquilo que oferece ao homem a possibilidade de ele permanecer a proteção da verdade. A salvação emerge da consciência de que o homem se defronta na técnica apenas com um modo de desvelar a verdade (STEIN, 2011, p.165).

No constante requerimento acontece a perda da dimensão humana. O humano inserido na técnica moderna perde sua humanidade ao se afastar da historicidade e da temporalidade. Em outros termos, a essência humana é substituída pela essência da técnica moderna. Nesses termos, o homem perde o laço com o próprio Ser (DUBOIS, 2005, p.141).

Para Heidegger ao pensarmos a técnica de modo instrumental e antropológico incorremos no risco de eliminar a possibilidade de contato com o ser. “Mas onde há perigo,

crece também a salvação” (HEIDEGGER, 2007, p.395). O paradigma, portanto, é a atitude do homem em face do requerer da técnica e a possibilidade de se enveredar nos caminhos da escuta do Ser.

Faz-se necessária a reflexão de Heidegger sobre a essência da técnica, pois ela é uma possibilidade para um mundo que se vê sucumbindo aos aparatos técnicos, assim como do seu constante requerimento para com ela.

Trata-se antes para o pensamento, de preparar e salvaguardar as possibilidades de um pensamento outro que não o calculante, de pensar de outro modo, no seio do mundo da técnica, de nosso mundo, a relação do homem com o ser, a partir mesmo desta época (DUBOIS, 2005, p.142).

Dentro da perspectiva da *Questão da Técnica*, o tema da linguagem surge no pensamento de Heidegger como um caminho possível para ressignificar a relação do homem com a natureza. Quando o filósofo afirma que "a linguagem é a morada do ser" sua intenção é dizer que o Ser existe antes de tudo, e que o pensamento estabelece a relação do *Ser* e a essência do homem. Portanto, para Heidegger, a linguagem é parte decisiva do processo.

3.1 A compreensão heideggeriana da linguagem

A linguagem como uma expressão universalizante de conhecimento reforça a relação tradicional entre "sujeito" e "objeto". Quando a linguagem cai na cotidianidade ela se apresenta como um afastamento do real; abstração que culmina na alienação do homem, segundo Heidegger. Com isso, o filósofo nos chama a atenção para a necessidade de não aprisionarmos a linguagem em pretensões gramaticais.

Heidegger percebe que, historicamente, a linguagem transformou-se num conjunto de signos arbitrários e convencionais. Ela recusa, portanto, a sua essência, o saber, e se entrega simplesmente como um instrumento para o domínio do ente. (COCCO, 2007, p. 81)

Na tecnologia, a linguagem se converte em meio para fim, tornando-se instrumento e meio propício para o desenvolvimento das forças e processos produtivos. Ao invés de fazer da linguagem um caminho que dê possibilidades aos entes de tornarem-se aquilo que são, o homem se vê impelido ao seu uso objetivo e calculador, reduzindo-a a restritos modos de ser. Em outros termos, uma linguagem nada ambígua que caracteriza o ente somente por meio de sua utilidade.

É neste momento que surge a possibilidade de caracterizar a linguagem em outras medidas, distintas daquelas próprias de um pensar exclusivamente metafísico. Uma linguagem que mantenha uma ligação estreita com a poesia, isto é, um modo de dizer o ser à luz da palavra fundadora dos entes, como afirma, Benedito Nunes em *Passagem para o poético: a linguagem é logos*, discurso pronunciado, e o seu dizer, a palavra em ato, consumada pela criação poética e produzindo o acontecimento histórico da verdade (NUNES, 1992, p. 266).

Sem a linguagem poética não existe desvelamento algum, pois é a partir dela que nasce a possibilidade do desocultamento da verdade do ser. Como expressa bem Ricardo Cocco:

A poesia, enquanto linguagem pura, torna as coisas presentes fundamentando-as no ser. A poesia é desvelamento do ser em e pela palavra. Ela se coloca fora do habitual, do cotidiano, longe das coisas manipuláveis que estão simplesmente no tempo. A palavra poética nos permite morar na verdade (COCCO, 2007, p. 87).

Compreender o modo pelo qual a verdade do ser se manifesta é um passo importante para a ressignificação da vida humana. Heidegger procura desenvolver um pensamento norteado por uma atitude de cuidado e proteção para com o Ser. Portanto, sendo uma verdade indiscutível a necessidade do ente para a manifestação do ser, cabe ao Dasein salvaguardar o caminho daquilo que se mostra através do desvelamento e, ao mesmo tempo, guiar o percurso futuro do pensamento.

Conclusão

O pensamento de Heidegger nos conduz à reflexão da essência da técnica moderna por meio da questão basilar de sua filosofia: a pergunta pelo sentido do ser. Quando Heidegger nos convida para um afastar-se de certas concepções cristalizadas e ultrapassadas sobre a problemática da técnica, isto é, sua concepção antropológica e instrumental que a caracteriza

como meio para fins, seu objetivo é abrir caminho para um modo novo de se relacionar com o mundo.

É importante permanecer atento aos riscos de enveredar-se por caminhos onde a essência do ser seja encoberta por um único modo de dizer a sua verdade. Heidegger procura despertar a consciência humana frente a carência de um pensar verdadeiro e originário. Portanto, o homem deve se afastar de um pensar já estabelecido e determinado pelas ciências da natureza e pela essência da técnica e lançar mão de dimensões de sentido que ultrapassem tais determinações. Nestes termos, é necessário um retorno à condição própria do ser humano, isto é, a capacidade de pensar que foi deixada de lado pela provocação imposta pela essência da técnica moderna.

Rechaçar a técnica e o pensamento científico não é o caminho, segundo Heidegger, mas é importante que reconheçamos a hegemonia desse modo de compreender e intervir no mundo. O anseio moderno, que transforma a realidade em uma estância passível de ser controlada pelas ciências modernas, precisa ser substituído por um pensamento que compreenda o mundo para além da simples presença. Para tanto, a linguagem, isto é, instância que possibilita a dinâmica do desabrigar e do ocultar do real, deve passar por um processo de ressignificação. A linguagem enquanto instrumento de apropriação da realidade se tornaria obsoleta, pois já não atenderia mais a um pensamento liberto dos perigos impostos pela essência da técnica moderna. Portanto, Heidegger nos propõe um pensar guiado pela linguagem poética, em contraposição à linguagem instrumental e científica. Tal pensamento consiste, de modo sucinto, em salvaguardar a dinâmica fundamental da verdade, a saber, o desvelamento que ao mesmo tempo se mostra como mistério daquilo que não se pode apreender e fixar de modo absoluto. Com isso, a proposta é retomar a atividade originária do pensamento deixada de lado pelo deixar-se entregar do homem à essência da técnica moderna, e recuperar a autêntica existência humana fundada na unidade entre ser e pensar presente na linguagem poética.

Referências bibliográficas

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 3.ed. São Paulo: EPU, 1977.

COCCO, Ricardo. A questão da Técnica em Martin Heidegger. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7089>.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GREAVES, Tom. *Heidegger*. Trad. Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Penso, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Que é metafísica? In: Conferências e escritos filosóficos. Tradução, introduções e notas: Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.25-63. (Col. Os Pensadores).

_____. *Ser e Tempo*. 7ª ed. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. Que é isto – A filosofia? In: Conferências e escritos filosóficos. Tradução, introduções e notas: Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 7- 24. (Col. Os Pensadores).

_____. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: Conferências e escritos filosóficos. Tradução, introduções e notas: Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 65-81. (Col. Os Pensadores).

_____. *A questão da técnica*. Trad. Marco Aurélio Werle. Scientiae Studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. Fonte: http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MICHELAZZO, José Carlos. *Do "Um como princípio ao "Dois" como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Edições Paulina, 1991.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOLZHENITSYN, Aleksandr; GARDELS, Nathan P. (org.). *No final do século: Reflexões dos maiores pensadores do nosso tempo*. Trad. Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 2006 - 8.ed.